

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

Director honorário:  
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## NUN'ÁLVARES

Por M. L.

NUN'ÁLVARES é sem dúvida uma das figuras mais altas da História Portuguesa. A sua alma era um relicário de virtudes. Criado dentro dos ideais elevados da Cavalaria, ele seria sem dúvida o mais fiel servidor dessa nobre instituição, que tanto contribuiu para suavizar os costumes da sociedade que sobreveio à invasão destruidora e brutal dos povos bárbaros. Foi dentro desta escola de nobres ideais que os homens da Idade-Média, iluminados pelo Cristianismo, começaram a nortear os seus passos desorientados.

As velhas civilizações renasciam dos escombros provocados pelas avalanches consecutivas de povos selvagens de raças heterogéneas; o ideal cristão viera à superfície e em breve iria conduzir as gerações saídas desta amálgama tumultuosa de sentimentos e crenças diversas. Nun'Álvares, nascido e criado quando as instituições feudais agonizavam, ante o alvorecer duma nova era, em que já dominava um forte sentimento colectivo de nacionalidade, trazia, na sua alma, bem vivos os altos exemplos desses Cavaleiros da Távola Redonda, que tinham estonteado a imaginação de sucessivas gerações de jovens.

Nun'Álvares não iria, como os velhos cavaleiros, pelear em torneios para defender a sua dama ou para desagrar a honra. Nun'Álvares dispôs da vida apenas ao serviço de Deus, da Pátria e do Rei...

Era quase uma criança quando começou a frequentar a corte, triste corte aquela em que uma mulher de sentimentos mesquinhos conseguia dominar o rei e orientar a política nacional ao sabor dos seus caprichos e ambições. Armado cavaleiro, pela própria rainha, Leonor Teles, a sua alma cândida e sonhadora, paira acima do ambiente corrompido, embriagada da leleza que sorvera nos romances da Cavalaria.

Em breve, uma onda de

angústia avassalaria o país. O mais forte e poderoso pretendente ao trono português, vago pela morte de D. Fernando, era um rei estrangeiro, D. João I de Castela.

A consciência nacional desperta e apercebe-se, o povo português, de que forma já uma nação independente do país vizinho e senhora do mais sagrado direito — a sua liberdade. Aquilo que o rei de Castela não queria compreender, em breve o vai sentir nos campos de batalha, onde de vitória em vitória os portugueses mostram bem, quão forte é já o seu patriotismo. Succedem-se Atoleiros, Aljubarrota, Trancoso e Valverde numa epopeia gigantesca de heroísmo e fé.

Mas qual seria a sorte desses soldados destemidos e re-

solutos sem a voz enérgica e a visão dum Chefe como era Nun'Álvares?

Diz Oliveira Martins: «Era então Nun'Álvares, um rapaz de 24 anos, mediano de estatura e delgado de formas. Branco, de rosto comprido, nariz longo e afilado, tinha expressa na fisionomia, como faculdade dominante, a decisão... Vendo-se pela primeira vez à frente duma hoste olhava para os seus como amigos, como irmãos votados a um destino comum.

O mando por ser digno e capaz de o exercer, não o ensoberbecia: irmanava-o em aqueles sobre quem mandava. A confraternidade guerreira era para ele uma religião. O comando firmava-se na franqueza e lealdade do fim e na autoridade do exemplo.

A sua fé em Deus era a chama em que ardia a sua dedicação patriótica e a sua energia militar».

É ainda Oliveira Martins que diz: «Nun'Álvares nasceu com o instinto do mando: e sem uma dúvida no seu pensamento, sem uma nuvem no seu coração, sem um remorso na sua memória: firme, inteiro, inquebrantável, intemerato e inacessível, imperava naturalmente, governando pela expansão da simpatia comunicativa. De tudo quanto a crónica nos conta dele, há-de inferir-se que nunca a espécie humana produziu exemplar mais belo da aliança do heroísmo e da santidade».

Antes de se embrenhar no tumulto medonho das batalhas, ajoelhava num recanto ermo em êxtase, absorto na oração, cheio de fé, pedindo a Deus a vitória da pequena hoste lusitana, não pelo prazer de ser o vencedor das batalhas, mas pela necessidade de vincar bem firmemente o desejo inquebrantável dos portugueses em manterem independente a sua Pátria.

Quando, de novo, sobre Portugal, livre e glorioso, reinam as horas felizes duma paz cheia de glória, Nun'Álvares, místico e sonhador, simples e leal, não pode suportar a vida frívola e cómoda como aquela a que o seu alto cargo, Condestável, e as suas largas riquezas lhe davam, agora, direito.

Já servira a Pátria como desejara expondo temerariamente a sua vida para a defender de ambições de estrangeiros. Agora, vai repousar no coração da Pátria despido de vaidades, alheio a galardões, indiferente a comodismos.

Já nada o prende à terra senão o amor duma neta; já não era o Condestável, o Conde de Ourém, de Barcelos, e de Arraiolos, o Senhor de Braga, Guimarães, Chaves, Montalegre, Porto de Mós, Ourém, Almada, Montemor-o-Novo, Arraiolos, Estremoz, Vila Vi-

### Ria de Aveiro

Na ria de Aveiro  
Quero um pequenino  
Barco moliceiro.  
Também sou menino.

Na ria de Aveiro  
Podeis vir comigo.  
Barco moliceiro  
Nunca tem perigo.

Nunca se naufraga  
Na ria inocente:  
Da crista da vaga  
Vem braços à gente.

Quer vão ao moliço,  
Quer soltem as redes,  
O mar é submisso  
Aos barcos que vêdes.

Branças, amarelas,  
Na ria de Aveiro  
Se espalham as velas:  
Brinquedo ligeiro.

Também sou menino,  
Ó moças de Aveiro!  
Dai-me um pequenino  
Barco moliceiro.

RIBEIRO COUÏO

## FOI ENCERRADO O I Congresso de Etnografia e Folclores com uma sessão brilhantíssima

Realizou-se, no dia 25, na sala nobre da Biblioteca Pública de Braga a sessão de encerramento do 1.º Congresso de Etnografia e Folclore.

A sessão foi presidida pelo sr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, Ministro das Corporações, sendo ladeado pelos srs. Subsecretário da E. Nacional, Governador Civil do Distrito, Cônsul de Espanha no Porto, etc.

Usaram da palavra vários oradores, de entre os quais salientamos as palavras de Sua Ex.ª o Ministro das Corporações que afirmou:

—Têm-se realizado nos últimos anos, em Portugal e no estrangeiro, numerosos congressos internacionais de carácter científico, artístico, pedagógico e social, com reais benefícios para o progresso das ciências,

çosa, Monsaraz, Portel, Loulé, de outras rendas em lugares chãos (como narra Fernão Lopes).

Nun'Álvares iria agora voltar-se a uma nova empresa ao serviço de Deus. Mandara erguer o Convento do Carmo: Devia a Deus esta promessa, feita em hora aflitiva, momentos antes da Batalha de Valverde.

Ali Nun'Álvares, no silêncio e na humildade, na oração e na caridade, viveu os últimos anos da sua vida.

É ainda Oliveira Martins que nos diz: «envolvido no hábito roto e desbotado pelo tempo, com um barrete a cobrir a cabeça, abordado a um cajado arrastando os passos, mirrado, curvado, com o rosário pendente dos dedos, ia Frei Nuno para as suas peregrinações de esmolar.

Ele ideara o levar a esmola aos presos; era ele que mandara pôr nas cozinhas do convento uma antiga caldeira de cobre, dos ranchos da sua hoste para nela se fazer também a ração quotidiana dos seus novos companheiros de armas: os pobres de toda a redondeza».

Finalmente um dia com fama de Santo, expirou num catre pobrezinho do convento, o grande herói de Portugal.

É o grande historiador Oliveira Martins que nos diz mais adiante: «Nunca Nun'Álvares subiu tão alto, como quando o desceram, da pompa das exéquias régias que D. João I fez, à sepultura rasa, em frente do altar-mor, onde tinha ao lado, um lugar vazio esperando a mãe sobrevivente».

para a expansão cultural e para a aproximação dos povos e das suas figuras mais representativas. Reconhecer as vantagens de vária ordem que a realização dessas reuniões oferece, é acto de justiça a que ninguém e muito menos um governante, pode eximir-se. Isto não significa, porém, que não devam tomar-se certas precauções contra a tendência tão frequentemente denunciada para, ao formularem-se votos se sugerirem medidas e se alvitram soluções que se pretende sejam de aplicação geral, sem cuidar de saber se as circunstâncias peculiares e as necessidades próprias de cada País as aconselham ou permitem. Erros sérios têm sido cometidos em consequência desta propensão para generalizar e nivelar o que não é comum ou idêntico e para exportar ou assimilar conceitos e métodos que, por serem aplicáveis em certos países ou regiões, não são necessariamente universais, e não podem, por isso, ser adoptados em toda a parte como solução conveniente e desejável.

Faço referência a este facto para sublinhar, como consolador contraste, que um congresso da natureza do realizado agora em Braga está, por definição, livre do perigo de esquecer ou passar por cima do que, em cada povo, há de característico, de específico e de original. A etnografia —ultrapassada já a fase literária e folclórica ou romântica, bem como o período filológico, orienta-se hoje no sentido etnológico, antropológico, cultural e social e mostra-se cada vez mais habilitada a recolher, a investigar, a examinar e a interpretar tudo o que anda ligado à vida das populações. Os especialistas da etnografia e do folclore sabem o que interessa a cada povo e o que lhe pertence, por isso são capazes de compreender a vida moral e social dos povos e de individualizar os seus interesses e anseios mais profundos.

E mais adiante:

—Aos organismos corporativos deve continuar a caber papel de relevo no preenchimento digno dos lares do trabalhador, na conservação e restauração do património etnográfico do País e na difusão da cultura popular, encarada esta na sua acepção mais ampla. O Estado, designadamente através do órgão competente, isto é, do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, em íntima cooperação com a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e as Juntas Centrais das Casas do Povo e das Casas dos Pescadores, deverá estimular e auxiliar os organismos corporativos na efectiva-



a) — Na festa aérea de Moscovo, os russos apresentaram novos modelos; mas não revelaram os seus segredos.

b) — O curso de energia nuclear para médicos foi encerrado no «Instituto de Oncologia».

c) — Gina Lollobrigida e Gary Cooper foram muito aplaudidos no Festival de Berlim.

d) — Uma enormíssima tromba de água devastou os campos e culturas da vila de Almeida.

e) — Os russos teriam feito mais alguma experiência da bomba H...?

f) — O congresso internacional de pontes e estruturas foi inaugurado, em Portugal, pelo Chefe do Estado.

g) — O médico canadiano dr. Douglas Eaglesham conseguiu uma nova técnica em raios X podendo fixar nas películas o interior e o exterior do corpo humano.

h) — O Xá da Pérsia e a Rainha Soraya visitaram, oficialmente, a Rússia.

i) — Eisenhower, quase restabelecido, sairá, brevemente da clínica onde está.

j) — Barcelos vai, dentro em breve, proceder à construção de casas para trabalhadores.

## As malhas TEBE

continuam na vanguarda do bom gosto

TEBE — um nome na indústria Nacional

PREFERI-LAS É SABER ESCOLHER

ção de iniciativas de carácter cultural e, em particular, daquelas que lhes assegurem maior projecção e autenticidade — através do reaportuguesamento dos usos e costumes, da manutenção das tradições, da dignificação dos folguedos, do desenvolvimento do artesanato, do amor à terra e à vida do campo e da defesa da arte e da literatura populares.

O Plano de Formação Social e Corporativa deverá ser aplicada à luz destes princípios, especialmente no respeitante à preparação de dirigentes, à criação de centros sociais nas empresas e nas comunicações locais, à instalação de bibliotecas e distribuição de livros, à organização de missões sociais e à transformação das Casas do Povo em verdadeiros centros de convívio e de acção educativa.

Escutado com a maior atenção, o membro do Governo, prosseguiu:

—Vai por esse mundo fora uma agitação que afecta a tranquilidade das nações e ameaça o seu futuro. Na política, na filosofia, na arte, na pedagogia, nas mais diversas exteriorizações do pensamento e dos próprios sentimentos são visíveis uma confusão e uma inquietação graves, por vezes trágicas denunciadoras de que o homem perdeu o rumo natural e o sentido da sua acção e da sua finalidade suprema.

No tumultuar das palavras sem conteúdo, na aceitação passiva de falsas ideias e de muitos alucinantes, na vertigem e dispersão da vida moderna, na agitação social e política cada vez mais acentuada e mais extensa, dir-se-ia que o homem, desabitado de pensar, se recusa a fazer exame de consciência e a interpretar com rigor os acontecimentos, deixando-se ultrapassar e arrastar por estes, e prestando-se a compromissos e transigências, tantas vezes com sacrifício da sua personalidade e tração à causa da cultura e do espírito.

O melindre deste estado de coisas reside principalmente em que a desorientação atingiu já responsáveis no mundo da inteligência e da política, os quais por vezes, parece terem desistido de reflectir e de lutar e estarem apostados em abrir a cidadela da civilização às forças do mal e à corrupção dos sentimentos e das ideias dos povos.

E a concluir:

—O Congresso foi, na verdade, tese viva e renovada de que as ciências em particular as antropológicas e etnográficas servirão o homem, se o não desligarem da família, dos agrupamentos naturais e da Nação, e o não desviarem do seu nobre e transcendente destino.



## Apontamentos para uma monografia sobre PINHEL

Por António Baptista

A POESIA NA VOZ DO POVO  
VOX POPULI, VOX DEI

A sensibilidade do povo, afei-ta aos rigores do clima, sabe cantar, sofrer e, de quando em vez, dar largas à sua imaginação ébria de lirismo, dum lirismo preponderante que a literatura testemunha ao longo das lendas e cantares.

A província da Beira Alta é, sem exagero, talvez a mais preponderante em «tradições populares, em hábitos e costumes característicos: mas, por infelicidade nossa, é também uma das menos estudadas».

Se é certo que o etnógrafo C. A. Monteiro do Amaral deixou algo de relevante acerca das tradições populares e linguagem da Atalaia não é menos verdade que essas tradições são os elos sublimes do sentir do povo, daquele povo simples e bom, que, preso a um romantismo que lhe vem de longe, tem de dar largas ao seu sentir e, para isso, canta ou fala como imperativo interior revelando, assim, a sua maneira de ser.

O beirão e, particularmente o pinhelense, tem no sangue a altivez dos seus maiores, a franqueza que lhe é bem peculiar e sobejamente conhecida sendo bem intencionado e bom. «Contará ao primeiro que encontrar os seus planos e projectos, com a mesma facilidade com que os revelaria a um conhecido e amigo».

Porém, antes de nos alongarmos no conceito das tradições populares e linguagem de Pinhel é bom darmos uma ideia, embora despretenciosa, da origem do lirismo na Península.

Os filólogos europeus, principalmente latinos, têm-se preocupado, com longos e profundos estudos, por abrir, de vez, a porta semi-cerrada da verdadeira origem do lirismo do século XII.

Cada filólogo, digno deste nome, procura cimentar suas teses servindo-se, para o efeito, de matéria vária, principalmente dos cancioneiros, velhos manuscritos e tradições; mas o que não oferece dúvidas é que todos

os trabalhos apresentados sobre o assunto sofrem, de certo modo, de uma ambiência unilateral não nos levando a certezas indiscutíveis.

O professor Dámaso Alonso veio iluminar os espíritos ansiosos com o seu ensaio acerca do lirismo mozarabico, que foca, da mesma maneira que as cantigas de amigo o «queixume duma moça enamorada». Tudo se conjuga a concluir que, de facto, o lirismo árabo-andaluz tem origens românicas.

Nota-se através de toda uma poesia um mesmo núcleo filiado na tradição hispânica e rematando na singeleza castiça dum vilancete.

Observa-se, sem dúvida, nas cantigas de amigo aquele sentimento doce de frescura virginal, aquele perfume feminino que, plasmado por fenómenos psicológicos se arrastam nas correntes do platonismo e neo-platonismo e que se encarnam, até certo ponto, no provençal e no árabe.

A poesia islâmica, nas cantigas de amor — digamos assim — não se dirige a senhoras casadas enquanto as da Provença consideram absolutamente necessário esse pormenor.

O problema da versificação, discutido e discutível, presta-se a grandes especulações literárias, sendo porém certo que o estribilho se cantava antes da primeira estrofe e que o tipo ZEJEL fosse o primeiro género.

A tese folclórica, tal como a arabística, não deixa de ser filha do romantismo popular porque se consubstancia na inspiração sublime do «povo criador».

Na poesia folclórica temos de aceitar a tradição, o objectivismo e a imaginação que, incendiadas pelas lavas de coração, a alma popular tecia autênticas maravilhas de fantasia e singeleza.

«A poesia popular é filha dilecta de um raciocínio débil».

Quer isto dizer que a fantasia do povo é tanto mais próspera quanto menos culto.

O conceito de singeleza criadora e que gera poesia levou

Ménendez Pelayo a concluir que a poesia popular é de todas talvez a menos nacional.

Porém, Bédier, afirma que o género lírico não se pode explicar pelas singelas danças populares de Maio, nem nunca o povo é criador de formas ou de ideias: o povo assimila, modifica, e adapta ao seu modo particular e, depois, transmite de geração em geração alternando e moldando às circunstâncias do tempo, da terra e do progresso.

Porém uma coisa é certa: é ser o *Beirão* profundamente sensível e ter na alma um interesse crescente pelas crenças e tradições.

E essas crenças e tradições são «frases reveladoras de sentimentos bons e delicados; períodos todos cheios de observação e experiência, quadras tão formosas e repassadas de tal lirismo, que os nossos melhores escritores se honrariam de as perfiar como suas».

### Cancioneiro

Tire-se d'essa janela,  
Não seja tão janeleira:  
Taberna que tem bom vinho  
Não precisa ter bandeira.

Menina que está encostada  
Ao peitoril da janela,  
Deite os olhos para a rua,  
Veja quem passa por ela.

Viva quem toca viola,  
Viva quem a tem na mão,  
Viva o filho de meu pai,  
Vivam quantos aqui estão.

Quem vem d'aqui tantas léguas  
Por estradas tão medonhas,  
Sempre contigo sonhando...  
Só tu comigo não sonhas.

O jogo da carrasquinha  
É um jogo assim ao lado:  
Deita o joelho em terra,  
Fica tudo admirado.

Matilde, sacude a saia,  
Matilde, levanta o braço:  
Mariquinhas, dá-me um beijo,  
Eu te darei um abraço.

Quero cantar e não posso,  
Meu coração não m'ajuda:  
Ajudai-me, ó coração,  
A dar vozes à ventura.

Não há flor com mais aroma  
De que a flor do jasmineiro,  
Nem amor que mais nos lembre  
De que o nosso amor primeiro.

Ó meu amor, quem te deu  
A fita para o chapéu?  
Que t'a queria eu dar  
Azulzinha, cor do céu.

Não há pão como o pão trigo,  
Nem carne como a do carneiro,  
Nem vinho como o maduro,  
Nem amor como o primeiro.

Menina da saia verde,  
Que leva na arregaçada?  
Levo copinhos de vidro,  
Se eu não hei-de levar nada!

Antoninha choradeira,  
Também sondes invejosa,  
Tendes a casa bonita  
E a garganta formosa.

Mariquinhas, teu pai deu-te,  
Bem te pudera matar:  
Tinhas o caldinho feito  
E a loicinha por lavar.

Ó fonte que estás correndo,  
Não chegarás a secar:  
Meus olhos também são fontes  
Que não deixam de chorar.

Chita preta, chita preta,  
Chita preta entrançada:  
Por causa da chita preta  
Ando triste, apaixonada.

Aqui tens meu coração,  
Se o quiseres matar, podes:  
Olha que andas dentro d'ele,  
Se o matas, também morres.

Ó senhora Dona Fulana  
O seu dom não vale nada:  
Vai à fonte, vai ao rio,  
Vai à missa sem criada.

A Jacinta tem uns olhos  
Tão pretos, tão feiticeiros:  
Parecem dois repolhos  
Plantados em dois canteiros.

A Jacinta, que ternura,  
Tem pretos no coração:  
Se vier casar comigo,  
Aqui tem na minha mão.

Pus-me a escrever na areia  
Onde a água não corria:  
Caíu-me a pena da mão...  
Cega d'amores não via.

Meninas que estais à roda,  
Não arrepareis para o galo:  
Arreparai para a minha camisa,  
Que tem peito abreviado.

Quem me dera ser passarinho  
Avoara pró andor:  
Iria a fazer o ninho  
Aos pés de Nosso Senhor.

Estas quadras fazem parte do  
cancioneiro da Atalaia / PINHEL.

# O PROBLEMA HABITACIONAL DE BARCELOS

O problema habitacional de Barcelos mereceu do Snr. Ministro das Corporações o interesse que o assunto requeria, visitando Barcelos no passado dia 26, a fim de se avistar com as autoridades locais, bem como com o Ex.<sup>mo</sup> Snr. João Duarte, a fim de levarem a bom termo tão magno como urgente empreendimento.

O Snr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, ministro das Corporações, foi aguardado à entrada dos Paços do Concelho pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Luís Novais Machado, presidente do município barcelense, dr. Mário Norton e dr. Manuel Faria, respectivamente provedor e vice-provedor da Santa Casa de Barcelos, arquitecto Gas-

par de Sousa Coutinho, que também representava o Excelentíssimo Snr. João Duarte; Sr. Mário Campos Henriques e outras figuras de destaque na vida da cidade.

No gabinete da presidência da Câmara fomentou-se o problema das construções e, depois de se visitar, o terreno destinado às edificações, o Sr. Doutor Veiga de Macedo partiu bem impressionado levando do Snr. João Duarte as melhores referências pela sua generosa atitude no investimento voluntário de algumas centenas de contos nesta obra social. Os blocos serão construídos pela Caixa de Previdência e a sua execução terá lugar no mais curto prazo de tempo.

## CARTA A MARIA

HÁ muito que me não escreves e eu sei o motivo agora. Confesso que me sinto ofendida, porque esperava da tua amizade uma prova de confiança, e não este silêncio prolongado e denunciador de um mistério, que, afinal, desvendei.

Já namoras! E o tempo não te chega sequer para pensar em mais nada. O José enche-te a vida, todas as horas, todos os momentos. Nunca te sentes sôzinha, pois imaginas um coração pulsando por ti, alvorçando-se com a tua presença, contraindo-se quando lhe foges sorridente e terna.

Pois bem, permite-me que eu hoje ocupe alguns minutos do teu dia, numa conversa amiga.

Eu não estranho a tua alegria, bem sabes. Acho-a natural, legítima e justa, mas como amiga mais velha, peço-te e aconselho-te a que mantenhas aquele sossego e equilíbrio tão necessário às raparigas de hoje, que volteiam estonteadas pelas liberdades tão rapidamente conquistadas e para as quais não foram preparadas convenientemente. Não suponhas que sou «bota de elástico», criticando a vida de hoje em que vocês andam libertas das rígidas formalidades de há vinte anos atrás. Eu não vos critico, só vos lamento, porque as vossas mães tiveram mais quem olhasse por elas do que tens tu e todas as tuas companheiras.

A vida exige que convivas com os rapazes como camaradas de trabalho, a vida exige-te um domínio demasiado forte sobre os teus sentimentos e instintos e a tua vontade não foi fortalecida por uma educação sã e recta, e o teu temperamento volúvel e maleável de meriodonal, em que o coração domina o raciocínio,

Na comemoração do 35.º aniversário

Dos

Bombeiros V. de Barcelinhos

Os briosos bombeiros voluntários de Barcelinhos comemoraram, este ano, mais um aniversário — o seu 35.º e, nessa comemoração, algo de nobre e alevantado, se consolidou mais ainda a toda uma história plena de grandeza, punjante de heroísmo e que marca, juntamente com a dos Bombeiros de Barcelos, um capítulo sublime na história altruísta daqueles que, voluntariamente, pelos outros se sacrificam. São assim os bombeiros, principalmente os voluntários.

Não vamos relatar todos os factos que se passaram por serem já do conhecimento público; mas vamos, mais uma vez, felicitar todos os que formam a grande família barcelense, que o Cávado abraça.

não te permite um controle frio e sereno das tuas atitudes.

Por isso tantas como tu, animadas das mais belas intenções, têm caído presas por uma emaranhada e confusa teia de ambições, vaidades, ilusões e caprichos.

Como sou tua amiga, chamo-te a atenção para o caminho que vais seguindo, porque nele há abismos e recantos sombrios e não apenas claridades e perfumes embriagadores.

Toma cautela, Maria, que infelizmente os teus companheiros de trabalho têm uma noção muito deficiente do respeito que devem à mulher. Talvez a culpa, em parte, seja tua e das outras que lhes permitis liberdades e inconveniências, como se, as raparigas de hoje, tivessem perdido a noção da dignidade. Que pena me fazes, Maria. Ainda há dois dias eras uma criança alegre, franca, cheia de entusiasmo pela vida que sentias despertar, e já vejo essa alegria comprometida, essa franqueza espontânea toldada!!... Falavas estouvadamente, contando sem interrupções o que fazias durante o dia, na fábrica, em casa, pelo caminho. Agora é diferente já tens exigências e maus modos, já és vaidosa e frívola. Julgas talvez por teres muitos pretendentes, que vais ser alguma rainha, escolhendo entre os vassallos o que mais humildemente te servir? Como te enganas!

Para quê essas aspirações tolas? Não podes idealizar uma vida diferente da das outras mulheres do teu meio.

E que vês à tua volta? Felizes as que sabem cumprir todos os seus deveres harmonizando a vida da casa e o trabalho da fábrica; infelizes e revoltadas as que, como tu, não estavam preparadas para essa dupla tarefa.

Em pouco as palavras meigas e os sorrisos se transformam em palavras e ralhos grosseiros, nos lares em que a mulher não sabe ocupar o seu lugar porque não sabe cumprir os seus deveres. És rapariga, não desperdices o teu tempo, aprende a fazer pequenos sacrifícios, para não te desorientares ante as grandes exigências da vida. Não podes ser estimada apenas por que és bonita ou vestes bem, mas sim pela tua educação, pelo teu aprumo, pelo teu arranjo, pela tua resignação ante as injustiças, pelo teu espírito compreensivo e sobretudo pela tua bondade. Ouve bem, Maria precisas de ser boa e sobretudo de ter muito juízo.

Abraça-te a tua amiga

Manuela

## Sametil

Medicamento actual para doencas de pele.

À venda nas melhores farmácias

# CURIOSIDADES

## Do Velho Testamento

«Ensina-nos a **Sagrada Escritura** que Deus, pela sua divina palavra, criou do nada, no espaço de seis dias, o céu, a terra, os astros, a luz, os animais, as plantas e, finalmente, o homem à sua imagem e semelhança.

Adão se chamou o primeiro homem, e Eva a primeira mulher. Ambos foram colocados em um jardim de delícias denominado Eden ou Paraíso terrestre, aonde deviam ser imortais; porém tendo perdido, pela sua desobediência a Deus, a sua inocência primitiva, foram expulsos do Paraíso terrestre, e condenados ao trabalho, a todos os incómodos da vida e à morte, prometendo, contudo, o Senhor, enviar-lhes um Redentor (Jesus Cristo) para abrir as portas do céu ao género humano.

Os primeiros filhos de Adão e Eva foram Caím e Abel; o primeiro matou seu irmão por inveja; depois amaldiçoado do Senhor, andou fugitivo e vagabundo, perseguido dos remorsos, até que vai morrer desastrosamente num bosque às mãos de Lamech. O terceiro filho de Adão foi Seth, que se conservou fiel ao Senhor, não obstante a depravação geral.

# A VIDA

O que é a Vida? Teórica e materialmente, não passa além do espaço que medeia entre o nascimento e a morte. Na prática e na parte espiritual é assunto bem mais complexo.

Seja qual for o prisma por onde se veja, há sempre uma palavra que nos mete medo — futuro.

Passado e presente fundem-se para nada, ou quase nada valerem; no entanto o futuro é de avassaladora incerteza.

Quantos sonhos despidos de maldade ou artefactos, puros como a mais pura e cristalina

«água» se vêm ruir frente a esta constante incógnita.

«Viver é fácil, questão está no saber» e não é assunto, que até hoje, merecesse um tratado.

Não há método único a seguir. As teorias são muitas e renovadas, cada qual tem a sua sempre nova que se choca com a do próximo.

Desta fusão de ideias diferentes nasce, por mais paradoxal que pareça, desunião, intriga e todos os outros males que nos ameaçam cotidianamente.

Saber viver, é dos problemas complexos que foram dados ao nosso cérebro para resolver e a que ele ainda não deu solução acertada.

Valdemar Esteves



# PAGINA DE SPORTIVA

Dirigida por José Pires Bigote

## Associação de Patinagem de Braga

**CAMPEONATO REGIONAL DE SÊNIORES:**—Inscreveram-se nesta prova, os seguintes clubes:

Clube Desportivo da TEBE, Famalicense Atlético Clube, Vitória Sport Clube (Guimarães), Vitória Sport Clube (Barcelinhos), Sport Clube Vianense, Oquei Clube de Barcelos, Académico Baskete Clube e Turismo Oquei Clube das Taipas.

Efectuado o sorteio de jogos no pretérito dia 11, forneceu o seguinte calendário:

### I VOLTA

Jornada	Data	Horário
1. <sup>a</sup> Jornada	Dia 27 de Junho	
Vitória S. C. — C. D. TEBE	às 22 horas	
Vitória de Barc. — Académico	» » »	
Famalicense — Vianense	» » »	
Oquei C. B. — Taipas	Dia 28 de Junho	às 22 horas
2. <sup>a</sup> Jornada	Dia 30 de Junho	
Vianense — Oquei C. B.	às 22 horas	
TEBE — Vitória Barc.	» » »	
Académico — Famalicense	Dia 1 de Julho	às 10 horas
Taipas — Vitória S. C.	às 18 »	
3. <sup>a</sup> Jornada	Dia 4 de Julho	
Vitória Barc. — Taipas	às 22 horas	
Vitória S. C. — Oquei C. B.	» » »	
Famalicense — TEBE	» » »	
Vianense — Académico	» » »	
4. <sup>a</sup> Jornada	Dia 7 de Julho	
Oquei C. B. — Vitória Barc.	às 22 horas	
Vitória S. C. — Vianense	» » »	
TEBE — Académico	Dia 8 de Julho	às 11 horas
Taipas — Famalicense	às 18 horas	
5. <sup>a</sup> Jornada	Dia 11 de Julho	
Académico — Taipas	às 19 horas	
Famalicense — Oquei C. B.	às 22 horas	
Vitória Barc. — Vitória S. C.	» » »	
Vianense — TEBE	» » »	
6. <sup>a</sup> Jornada	Dia 14 de Julho	
Vitória S. C. — Famalicense	às 22 horas	
Vitória Barc. — Vianense	» » »	
Académico — Oquei C. B.	Dia 15 de Julho	às 10 horas
Taipas — TEBE	às 18 horas	
7. <sup>a</sup> Jornada	Dia 18 de Julho	
Académico — Vitória	às 19 horas	
Vianense — Taipas	às 22 horas	
TEBE — Oquei C. B.	» » »	
Famalicense — Vitória Barc.	» » »	

### II VOLTA

Jornada	Data	Horário
8. <sup>a</sup> Jornada	Dia 21 de Julho	
TEBE — Vitória S. C.	às 22 horas	
Vianense — Famalicense	» » »	
Académico — Vitória Barc.	Dia 22 de Julho	às 10 horas
Taipas — Oquei C. B.	às 18 horas	
9. <sup>a</sup> Jornada	Dia 25 de Julho	
Vitória S. C. — Taipas	às 22 horas	
Vitória Barc. — TEBE	» » »	
Famalicense — Académico	» » »	
Oquei C. B. — Vianense	Dia 26 de Julho	às 22 horas
10. <sup>a</sup> Jornada	Dia 28 de Julho	
Oquei C. B. — Vitória S. C.	às 22 horas	
Académico — Vianense	Dia 29 de Julho	às 10 horas
Taipas — Vitória Barc.	às 18 horas	
TEBE — Famalicense	às 22 horas	
11. <sup>a</sup> Jornada	Dia 1 de Agosto	
Académico — TEBE	às 19 horas	
Famalicense — Taipas	às 22 horas	
Vitória Barc. — Oquei C. B.	» » »	
Vianense — Vitória S. C.	» » »	
12. <sup>a</sup> Jornada	Dia 4 de Agosto	
Vitória S. C. — Vitória Barc.	às 22 horas	
TEBE — Vianense	» » »	
Taipas — Académico	Dia 5 de Agosto	às 18 horas
Oquei C. B. — Famalicense	às 22 horas	
13. <sup>a</sup> Jornada	Dia 8 de Agosto	
TEBE — Taipas	às 22 horas	
Famalicense — Vitória S. C.	» » »	
Vianense — Vitória Barc.	» » »	
Oquei C. B. — Académico	Dia 9 de Agosto	às 22 horas
14. <sup>a</sup> Jornada	Dia 11 de Agosto	
Vitória S. C. — Académico	às 22 horas	
Vitória Barc. — Famalicense	» » »	
Taipas — Vianense	Dia 12 de Agosto	às 18 horas
Oquei C. B. — TEBE	às 22 horas	

Obs. — Os jogos realizam-se nos rinks dos clubes indicados em primeiro lugar.

### Resultados da 1.<sup>a</sup> jornada

Oquei, 2 — Taipas, 1  
Guimarães, 3 — TEBE, 2  
V. Barcelinhos, 0 — Académico, 3  
Famalicense, 4 — Vianense, 3

### Resultados da 2.<sup>a</sup> jornada

Vianense, 4 — Oquei, 2  
TEBE, 3 — V. Barcelinhos, 1  
Académico, 3 — Famalicense, 5

### Classificação

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
1.º — FAM.	2	2	0	0	9	6	6
2.º — TEBE	2	1	0	1	5	4	4
3.º — Acad.	2	1	0	1	6	5	4
4.º — Vianen.	2	1	0	1	7	6	4
5.º — Oquei	2	1	0	1	4	5	4
6.º — Guimar.	1	1	0	0	3	2	3
7.º — Barcel.	2	0	0	2	1	6	2
8.º — Taipas	1	0	0	1	1	2	1

Pedimos imensa desculpa aos nossos leitores do atraso que esta página ocasionou ao jornal mas afazeres inadiáveis não permitiram que o original fosse enviado em devido tempo.

P. B.

**INSCRIÇÃO DE CLUBES E JOGADORES**—Chama-se a atenção dos clubes para a transcrição feita na circular n.º 3/56 de 2-4-956, sob este título.

**LICENCIAMENTO DE JÚNIORES**—Devem os clubes com toda a urgência providenciar no sentido de que sejam devidamente legalizados os pedidos de licenciamento de júniores, e os que ainda o não fizeram, remetê-los, a fim de que esta Associação possa levar a efeito o campeonato regional.

**CURSO DE ÁRBITROS**—Está aberta até ao próximo dia 30 a inscrição para a frequência do curso de árbitros, cuja escola será iniciada no dia 1 de Julho p. f. A frequência do mesmo não é obrigatória, mas para efeito de exames serão apenas considerados os pedidos feitos anteriormente ao início da escola.

Os pedidos devem ser dirigidos à Comissão Regional de Árbitros do Minho, sita à Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 356-1.º — Braga. As inscrições feitas até à presente data, serão tomadas em consideração.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

# Aniversários A Ciência e o Amor

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de Julho os nossos seguintes companheiros.

Dia 1 — Maria Aurora da S. Moais, Maria Alice Sendim Rodrigues e Rosa de Jesus G. Monteiro.

Dia 2 — Maria José Santos Araújo e Maria Belmira F. da Silva.

Dia 3 — Olívia de Jesus Pereira da Costa, Maria de La Sallette C. Ribeiro e Joaquim de Sousa Coelho.

Dia 4 — Maria da Graça C. Miranda, Maria Olímpia F. Lopes, Maria Manuela P. V. Dias e Maria Alice P. Costa.

Dia 5 — Teresa Gomes Mesquita.

Dia 6 — Maria Olívia da Silva e Filomena de Jesus C. Calheiros.

Dia 7 — Maria da Glória Machado, Rosa da Silva Miranda, Olívia de Jesus R. Gonçalves e Maria Celeste G. Sousa.

Dia 9 — Maria Helena Lopes Martins, Celestino Alves da Silva e Maria do Carmo F. Vilas Boas.

Dia 10 — Manuel Barbosa Dias, José da Costa e Maria Teresa C. Amaral

Dia 11 — Manuel Martins Vaz.

Dia 12 — Maria Isabel Gomes de Sá, Ilda Gomes Durães e Belarmina de Sousa Figueiredo.

Dia 16 — Maria Fernanda Soares da Silva.

Dia 17 — Maria Alice da Silva e Francisco Pereira de Faria.

Dia 18 — Deolinda Duarte F. Araújo.

Dia 19 — Maria da Glória das Dores Pereira.

Dia 21 — Francisca Carolina S. Soares, Carolina Felicidade C. Santos, Maria Sameiro Gomes de Lima e Maria Carmina Lima Vieira.

Dia 22 — Lucinda de Jesus da Costa e Maria do Carmo B. Rodrigues.

Dia 23 — Gracinda da Conceição D. Monteiro, José Ribadas, António Ricardo da Silva e Herculanio Monteiro da Silva.

Dia 24 — Maria da Conceição da S. Dias Leite e Manuel Pereira Vale Júnior.

Dia 25 — Rodrigo Nunes dos Santos e Maria Dolores P. Vilas Boas.

Dia 27 — Maria Augusta G. da Silva, Maria Angelina F. Veloso, Maria Alice Barros Correia, Teresa da Conceição C. Lopes, Clementina Ferreira Pedras, Rosa dos Prazeres Gonçalves, Ana Clementina B. Pereira e Miguel da Silva Pereira.

Dia 28 — Maria dos Santos Rego, Maria do Céu T. Miranda, Maria Alice G. Mota, Maria Peregrina G. Durães.

Dia 29 — André Faria Arantes, e Maria Angelina S. Ferreira.

Dia 30 — Manuel Fernando A. Pereira.

Dia 31 — Maria José de Miranda.

## Concurso de Quadras Populares

Com este anúncio, termina a primeira fase deste interessante Concurso, patrocinado pela conhecida e acreditada firma desta cidade,

**PAPELARIA «LIZ»  
DE BARCELOS**

Não foram classificados nenhum dos trabalhos apresentados, relativos ao terceiro mote indicado no nosso número de Abril. No entanto o júri resolveu atribuir um prémio de consolação, ou seja uma caneta «LIZ-PEN» ao concorrente António Faria da Costa Viana, desta cidade, que nos enviou a seguinte quadra:

Eu quero uma BIG-BEN  
Que só ela é, sem favor,  
Uma das melhores canetas  
P'ra escrever ao meu amor.

Este concorrente pode, portanto, passar pela

**PAPELARIA «LIZ»**

quando entender, a fim de lhe ser entregue a caneta LIZ-PEN, com o seu nome gravado. Mais uma oferta da

**PAPELARIA «LIZ»**

Mote para a última quadra:

**BIG-BEN sem rival.**

Enviem as quadras juntando o cupão abaixo.

**BIG-BEN**

N.º 4

PI algures, há já bastante, que a ciência descobriu, por fim, o Amor. Os psiquiatras chegaram à conclusão de que a raiz-mestra das doenças mentais é a falta de amor.

Os especialistas em psicologia infantil, às voltas com problemas tais como o de alimentar o bebé a horas certas ou quando ele o exige, e o de bater ou não nas crianças, concluíram que nada disso tem importância, desde que a criança seja amada. Os sociólogos acharam no amor a explicação da delinquência e os criminologistas encontram nele a explicação do crime.

Não se trata, evidentemente, da falar aqui, do amor tão comumente pintado em romances e filmes.

Trata-se do amor que Jesus conhecia por inspiração divina — o mais simples e, ao mesmo tempo, o mais complexo atributo do homem. E também o mais incompreendido.

Nesse opúsculo de que me sirvo para tratar este assunto e publicado a quando do Congresso Internacional de Saúde Mental, em 1950, diz-se que os médicos estavam aprendendo a receitar o amor. Um especialista em urologia, depoente nesse Congresso, afirmou que esse era um dos melhores remédios. Mas a dificuldade é que a maioria das pessoas — muitas das quais se consideram bem casadas — não sabem o que é o amor.

Ora, o amor não é o instinto de posse. Não significa procurar afeição a pessoa amada à nossa própria imagem. Não é subordinação. Não é o sacrifício de nós próprios, se bem que, às vezes, possa exigir sacrifícios. Amar uma pessoa não implica forçosamente estar na posse dessa pessoa. Significa conceder-lhe, de boamente, pleno direito à manifestação da sua personalidade individual.

Implica, sim, o desejo de cuidar dessa pessoa e em sentir-se responsável pela sua vida e manutenção, assim como pelo desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

A sexualidade não é, de modo algum, o único nem mesmo o mais importante meio de expressão do amor entre um homem e uma mulher. Os psicologistas estão de acordo em afirmar que, actualmente, o sexo não tem, muitas vezes, relação alguma com o amor, mas sim apenas com um pseudo amor.

E falando sobre namoro e casamento, chega-se à conclusão que a intimidade compreende a integração de duas personalidades; um apaixonado

interesse pelas ideias, esperanças e aspirações do outro; intercâmbio do pensamento; respeito pela integridade e dignidade do outro. Presume-se que nas relações físicas reside o mais alto grau de intimidade. Se bem que isso, em parte, possa ser verdade, desejo acentuar que o máximo de intimidade, bem pode ocorrer numa conversa agradável, na contemplação em comum de um poente, ou até no partilhar duma refeição. O sentido da intimidade não provém do simples contacto físico. É antes mais mental do que físico.

Poderia chamar-se ao amor o solo em que cresce a pessoa amada. O amor é basicamente um acto de «dar», embora muitas vezes pensemos nele como um acto de «tomar».

Ao descobrirem o amor, os cientistas devem ter descoberto, igualmente que o amor próprio é bom... que devemos amar-nos a nós mesmos, para termos o poder de amar os outros. Alguém observou já que o mandamento da Lei de Deus «Amarás o teu próximo como a ti mesmo», pressupunha que nos amássemos a nós mesmos.

Ficaremos doentes de emoção na medida que nos odiarmos, a nós ou aos outros; e será desvirtuada a nossa capacidade de amar.

Inúmeros casos, uns após outros, têm revelado ser a falta de amor próprio a origem das doenças mentais. Se as pessoas tivessem um amor próprio são, em vez de carregarem ocultos fardos de auto-desprezo os psiquiatras veriam a sua tarefa reduzida à metade.

E o amor próprio que é ser não possuímos um sentimento de dignidade, de que somos da gente, de que valemos alguma coisa, de que não somos inúteis e ao mesmo tempo que temos um sadio senso de humanidade.

Uma pessoa sã e amadurecida dotada da plena capacidade de amar, não ama só a sua mulher e os seus filhos e meia dúzia de amigos íntimos. Ama sem restrições.

Muito mais poderíamos dizer sobre este tão interessante motivo de ordem social e psicológica. O espaço não abunda, mas prometemos voltar à liça, logo que possível.

Vamos, portanto, aproximarmos da luz divina, do amor que Jesus pregou. Também ele pensava no futuro dos homens quando disse há dois mil anos: Um novo mandamento vos dou que vos ameis uns aos outros.

Jaime Ferreira

# A Lição de Canto

(Continuação da página 8)

vado! Todos tinham ficado maravilhados de vê-la noiva. A professora de Ciências a princípio não acreditara. Ela mesma estava estupefacta com o acontecimento. Ela mais do que todos. Tinha já trinta anos. Basílio vinte e cinco. Pareciam-lhe um milagre, um verdadeiro milagre as palavras que ele lhe dissera uma tarde à volta da igreja, naquela noite escura. — "Não sei como foi, mas descobri que te amo." Tinha nas mãos a ponta de sua "écharpe"

"Que aos meus ouvidos doce somido tem!"  
— Repitam, repitam ainda — disse *Miss Meadows*. — Com mais expressão, meninas, mais uma vez, mais uma vez!

"Cedo se vão..." As faces das meninas mais velhas iam tomando uma cor violácea; uma das mais moças começava a chorar. Grossos pingos de chuva batiam nos vidros. Parecia que os salgueiros bisbilhotavam. "Não é que eu já não te ame..."

"Mas, meu querido, — pensava ela — se me amas não importa que seja muito ou pouco o teu amor, visto que me amas..."  
Mas na verdade ele não a amava. Se tivesse tido um pouco de ternura para com ela, teria rasurado aquela "repulsa" de maneira que ela não a percebesse.

"Cedo o Outono se vai: o Inverno vem." Teria também de deixar a escola; quando se soubesse de tudo, havia de lhe faltar coragem para encarar as alunas, a professora de Ciências. Iria embora, desapareceria. "Que aos meus ouvidos..." — as vozes enfraqueciam, morriam num sopro leve.

De repente a Porta abriu-se. Uma menina vestida de azul atravessou a sala com ar inquieto, a cabeça baixa, mordendo os lábios e fazendo girar sobre o pulso rosado um pequeno bracelete de prata.

Subiu ao estrado e parou em frente de *Miss Meadows*.

— Então, Mónica, que é que há?  
— Desculpe, *Miss* — disse a pequena com voz ofegante — a senhora directora chama-a ao escritório.

— Muito bem — respondeu *Miss Meadows*.

A seguir, voltando-se para as alunas, disse:

— Portem-se bem, prometam-me sob palavra não fazer barulho.

As meninas, porém, estavam de tal maneira oprimidas que seria quase certo que não fariam alarido. Na sua maioria tinham já o lenço no nariz.

O eco dos passos de *Miss Meadows* propagou-se pelos corredores frios e silenciosos. A directora estava à secretária. Não

levantou imediatamente os olhos. Como de costume estava tentando desenredar os óculos das rendas do vestido onde eles se tinham emaranhado.

— Sente-se, *Miss* — disse com tom gentil, tomando dum papel cor-de-rosa. — Mandei chamá-la porque acaba de chegar este telegrama para si.

— Um telegrama para mim, *Miss Wyatt*?

"Basílio! Suicidou-se!" — pensou *Miss Meadows*, estendendo vivamente a mão. Mas a directora reteve por um segundo o telegrama.

— Espero que não sejam más notícias — disse, sempre com o mesmo tom gentil.

*Miss Meadows* abriu atarantadamente o telegrama.

"Não facas caso da minha carta. Eu devia estar maluco. Móveis quarto vestir comprados hoje, Basílio."

*Miss Meadows* leu estas palavras e não conseguiu afastar os olhos do telegrama.

— Espero que não seja nada grave — disse *Miss Wyatt*.

— Oh, não, obrigada! — respondeu, sorrindo, *Miss Meadows*. — Realmente não é nada de grave.

E, desculpando com um pequeno sorriso tímido:

— É o meu noivo que...  
Seguiu-se uma pausa.

— Ah, compreendo... — disse a directora.

Outra pausa. Depois:  
— Temos ainda um quarto de hora de lição, não é verdade, *Miss Meadows*?

— Sim, senhora.

A professora de canto levantou-se e caminhou para a porta, quase a correr.

— *Miss* — disse a directora — um minuto ainda. Devo adverti-la de que não aprovo que as minhas professoras recebam telegramas durante as lições. A menos que se trate de um assunto verdadeiramente necessário, como no caso de qualquer doença, morte, ou outra circunstância grave. As boas notícias podem sempre esperar, *Miss*.

Nas asas da esperança, do amor, da alegria, *Miss Meadows* voou para a sala de música, atravessou-a, subiu ao estrado e aproximou-se do piano.

— Página 32, Mary, página 32.

Agarrou no crisântemo amarelo e pô-lo na boca para esconder o sorriso. Depois voltou-se para as alunas, batendo com a batuta na estante.

— Página 32, página 32, meninas!

*Aqui estamos de flores carregadas  
Com braçados de frutos coloridos...  
A saudar...*

— Basta! basta! — gritou *Miss Meadows* — horrível, espantoso!



## Piadas com barbas?... Talvez!

Entre pintores:

— Gosto de ver a claridade no seu quadro.

— Céus! Será que em vez de óleo, eu puz querozene?!

Na galeria de arte:

Pintor — Aqui, minha senhora, só figuram quadros de autores mortos.

Sabes que eu pintei alguma coisa para o Salão de Belas Artes, que obtive o primeiro lugar?

— Meus parabéns pela vitória! E que trabalho era?

— Um cartaz, colocado em primeiro lugar, logo à entrada do pátio.

Dizia assim: «Roga-se o favor de não fumar neste recinto».

No teatro:

— Já vai, senhor? Ainda faltam dois actos.

— É por isso mesmo.

Entre amigos:

— Nós seremos amigos até ao fim.

— Empresta-me 100\$00.

— Este é o fim.

Entre bebedores:

— Garanto-lhe que não há vinho mais velho do que este.

— Pois sim!... Já bebi um tão velho, tão velho, que até a garrafa estava cheia de rugas.

Ainda entre amigos do Deus Baco:

— O vinho é uma calamidade... é um veneno.

— Não digas asneiras, lembra-te que a água tem matado muita mais gente.

— Estás doido!

— Pois é, basta a gente recordar-se do dilúvio!

Entre patroa e criada:

A patroa entra súbitamente na cozinha e encontra a criada a beber vinho.

— Francamente, Maria! Estou abismada.

— E eu, minha senhora, mais ainda! Julgava que a senhora tinha saído...

Entre miúdos:

— Eu e meu pai sabemos tudo o que há neste mundo.

— Então vamos ver: em que parte do mundo fica a Pérsia?

— Bem... essa é uma das coisas que meu pai sabe.

Na instrução de recrutas:

*Sargento*: Por que tens uma bota preta e outra amarela?

*Recruta*: É para distinguir a direita da esquerda.

— És gago, menino?

— Sou...mas...só...só...quan...quando...fa...lo.

Olhou para o classe com os olhos rebrilhantes.

— Mas que é que vocês têm? Pensem nas palavras que cantam, ponham nelas um pouco de fantasia. "Aqui estamos de flores carregadas, com braçados de frutos coloridos". — E *Miss Meadows* interrompe-se para dizer:

— Mas não façam esse ar triste. Cantem com ímpeto, com alegria, com ardor. Recomeçemos.

Depressa. Juntas. Adiante! E desta vez a voz de *Miss Meadows* elevou-se sobre todas as outras, cheia, profunda, vibrante de paixão...

FIM

# A Lição de Canto

COM o desespero no coração, o gélido, lancinante desespero cravado no coração como um punhal cruel, Miss Meadows vestiu o uniforme de professora, agarrou a batuta e dirigiu-se pelos longos corredores frios em direcção ao salão de música. Meninas de idades diversas, com as faces rosadas das corridas ao ar livre e o coração transbordante dessa ternura festiva que a gente sente quando vai para a escola numa bonita manhã de Outono, comprimiam-se, apressadas, saltitavam, passavam como borboletas. Das aulas sonoras saía um rápido tamborilar de vozes. «Muriel!»—gritou alguém com um trilo de pássaro. Veio das escadas um ribombo formidável. Uma aluna tinha deixado cair os aparelhos de ginástica.

A professora de ciências interrompeu Miss Meadows.

—Bom-dia!—exclamou ela, com a sua voz doce e afectada.—Está frio, não é verdade? Parece inverno.

Miss Meadows, apertando o punhal contra o coração, olhou com rancor a professora de ciências. Tudo nela era doce e pálido como o mel. Não seria de admirar se uma abelha se lhe enredasse nos fios da cabeleira amarela.

—Realmente está um tanto frio—concordou Miss Meadows sombriamente.

—Mas parece que tu estás completamente gelada—retorquiu a outra com o seu sorriso doce. E olhava-a com dois grandes olhos azuis, em que brilhava agora uma ténue luz de malícia. (Suspeitaria de alguma coisa?)

—Oh! não cheguei ainda a esse ponto—disse Miss Meadows. E retribuindo o sorriso da professora de ciências, fez-lhe uma rápida careta e seguiu o seu caminho.

A quarta, a quinta e a sexta classes estavam reunidas no salão de música. Faziam um alarido ensurdecador. Em cima do estrado a pequena Mary, a aluna favorita de Miss Meadows, a que fazia o acompanhamento, estava alteando o banco do piano. «Sst! meninas!»—sibilou ela, avisando as companheiras, logo que viu a professora. E Miss Meadows, de mãos escondidas nas amplas mangas da bata, batuta debaixo do braço, atravessou o centro da sala e subiu para o estrado. Depois, puxou a estante de metal dourado, pô-la na sua frente e, dando nela duas pancadas secas, voltou-se bruscamente para as meninas:

—Silêncio!—ordenou.—Imediatamente, por favor!

Sem enxergar ninguém, os seus olhos percorreram aquele mar de blusas coloridas onde se moviam tantos rostos, tantas mãos rosadas e se agitavam as grandes laçadas de fita e as folhas dos cadernos de música abertos. Sabia bem o que pensavam dela as meninas. «A Meady está nervosa hoje...» Mas que lhe importavam as alunas?

Contemplou-as, batendo as pálpebras, levantando a cabeça num desafio. Que lhe podia impor-

tar o que pensavam aquelas criaturas, quando ela estava ferida de morte, o coração sangrando, trespassado, sim, trespassado pelas palavras daquela carta:

«...Sinto, e cada vez de maneira mais profunda, que o nosso casamento seria um erro. Não é que eu já te não ame. Amo-te como é possível amar uma mulher. Mas devo dizer-te a verdade: cheguei à conclusão de que não fui feito para o casamento, e a ideia de

estante. A sua voz vibrava, ressoando em toda a sala.

—Página 14. Começaremos com «Lamento», página 14. Vocês já devem saber a lição. Vamos cantar juntas, sem as partes. Todas juntas, simplesmente, sem expressão, e batendo o compasso com a mão esquerda.

Levantou a batuta: duas pancadas secas na estante. Mary deu o primeiro acorde; todas as mãos esquerdas se levantaram e

Por Katherine Mansfield

constituir família dá-me uma sensação de...»

A palavra «repulsa» estava mal apagada e ele escreveu por cima: «pezar». Basílio!

Miss Meadows caminhou para o piano com largos passos pesados. E Mary Beazley, que a esperava inclinou-se. Através dos

bateram o ar; as vozes juvenis geraram em coro:

«Cedo se vão as rosas d'alegria  
Cedo o Outono se vai: o Inverno vem.  
Cedo se esvai a suave melodia  
Que aos meus ouvidos doce somido tem!»

Ah, Deus meu, haveria algo mais trágico que esse lamento?



bandós que lhe cobriam as faces, saiu a sua vizinha num murmúrio: «Bom-dia, Miss Meadows! ao mesmo tempo que com gesto mais de quem atira do que quem presenteia, ela fez avançar para a mestra um magnífico crisântemo amarelo. Esse pequeno ritual da flor existia havia séculos. Fazia parte da lição como a abertura do piano. Naquela manhã, porém, a jovem professora não agarrou na flor, não a colocou no cinto, não disse como de costume: «Obrigada, Mary. Tu és muito gentil. Abre a página 32». Mary ficou horrorizada, a professora parecia não dar sequer pelo crisântemo; não respondeu ao seu bom-dia, e com voz gélida disse: «Página 14, por favor, e marque bem os acentos.» Mary corou tanto que lhe vieram lágrimas aos olhos. Mas Miss Meadows voltara-se para a

Em cada nota um suspiro, um soluço, um grito de abandono desconsolado. Miss Meadows, com os braços levantados nas largas mangas da bata, começou a dirigir com ambas as mãos...

«Sinto, e cada vez de maneira mais profunda, que o nosso casamento seria um erro...»; ela marcava o compasso a estas palavras: «Cedo se vão as rosas d'alegria...»—gemiam as vozes. Que teria acontecido a Basílio? Por que escrevera aquilo? Como teria sido levado àquela atitude? Como? Ela não sabia. Na sua última carta não lhe falara de outra coisa senão de uma pequena estante de carvalho velho que tinha comprado para «os nossos livros», e de um elegante móvel para o quarto de vestir: «uma coisa muito mimosa, ornada com um mocho esculpido em madeira que tem nas

garras três escovas de cabelo. Como ela tinha sorrido com estas palavras... A ideia de que fosse sem necessárias três escovas para o cabelo só podia sair da cabeça dum homem.

...«Que aos meus ouvidos doce somido tem!»—cantavam as vozes.

—Vamos recomeçar—disse Miss Meadows.—Mas desta vez fazendo as partes e sempre sem da expressão.

«Cedo se vão as rosas da alegria».—Agora os contraltos punham uma nota sombria no canto; ela sentia um calafrio. «Cedo o Outono se vai: o Inverno vem». A última vez que tinha vindo procurá-la, Basílio trazia um rosa na lapela. Estava belo, no seu fato azul, com aquela rosa vermelha. Belo! ele o sabia, não podia esconder. Passava primeiro a mão pelo cabelo, depois pelo bigodinho. Quando sorria, os seus dentes cintilavam.

—A mulher do director continua a convidar-me sempre para a ceia. É uma coisa aborrecida, não posso ter uma tarde livre quando estou lá...

—Mas não podes recusar?  
—Ora... Um homem nas minhas condições não pode fugir à popularidade.

«Cedo se esvai a suave melodia»—gemiam as vozes. Por trás das janelas altas os salgueiros ondulavam ao vento. Estavam quase desfolhados. As poucas folhas que lhes restavam nos ramos agitavam-se como peixes presos no anzol.

«Não fui feito para casamentos». As vozes calaram-se, o piano esperava.

—Muito bem—disse Miss Meadows, mas com uma voz ainda de tal maneira estranha e árida que as alunas mais novitas começaram a ter medo.

—Agora que sabem a partitura, vamos cantá-la com toda a expressão possível. Pensem nas palavras que disserem. Um pouco de fantasia. «Cedo se vão as rosas da alegria»—gritou Miss Meadows—as palavras devem ressaltar violentas, fortes, como um lamento. Na segunda linha «aquele Inverno vem» deve ser como que atravessado por um vento gelado. «Inverno»—disse ela—com uma voz tão violenta que Mary no banco do piano sentiu um tremor de frio.—O terceiro verso, «Cedo se esvai a suave melodia», é todo um crescendo que se despedaça sobre a palavra «que» da última linha, «meus ouvidos» é necessário diminuir, morrer, e que as últimas palavras sejam um sopro que lentamente se extingue. Lentamente... Vamos comecemos!

De novo bateu duas vezes sobre a estante e levantou os braços. «Cedo se vão as rosas d'alegria».

«A ideia de constituir família dá-me uma sensação de repulsa». «Repulsa»: era o que ele tinha escrito. E assim o noivado estava desfeito. Desfeito aquele no-

(Continua na página 7)